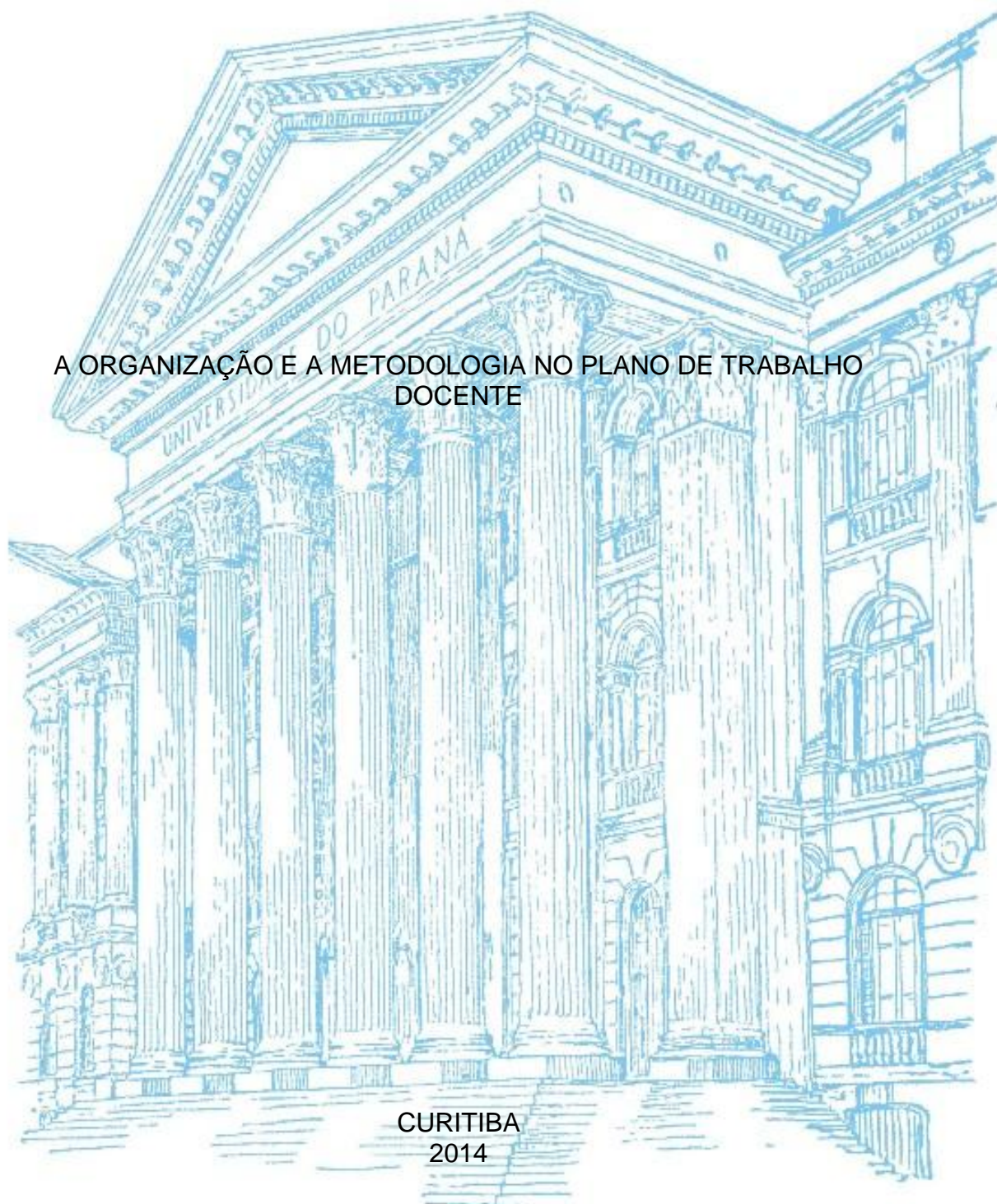


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CRISLENE COSTA SANTOS RAZENTE

A ORGANIZAÇÃO E A METODOLOGIA NO PLANO DE TRABALHO
DOCENTE



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

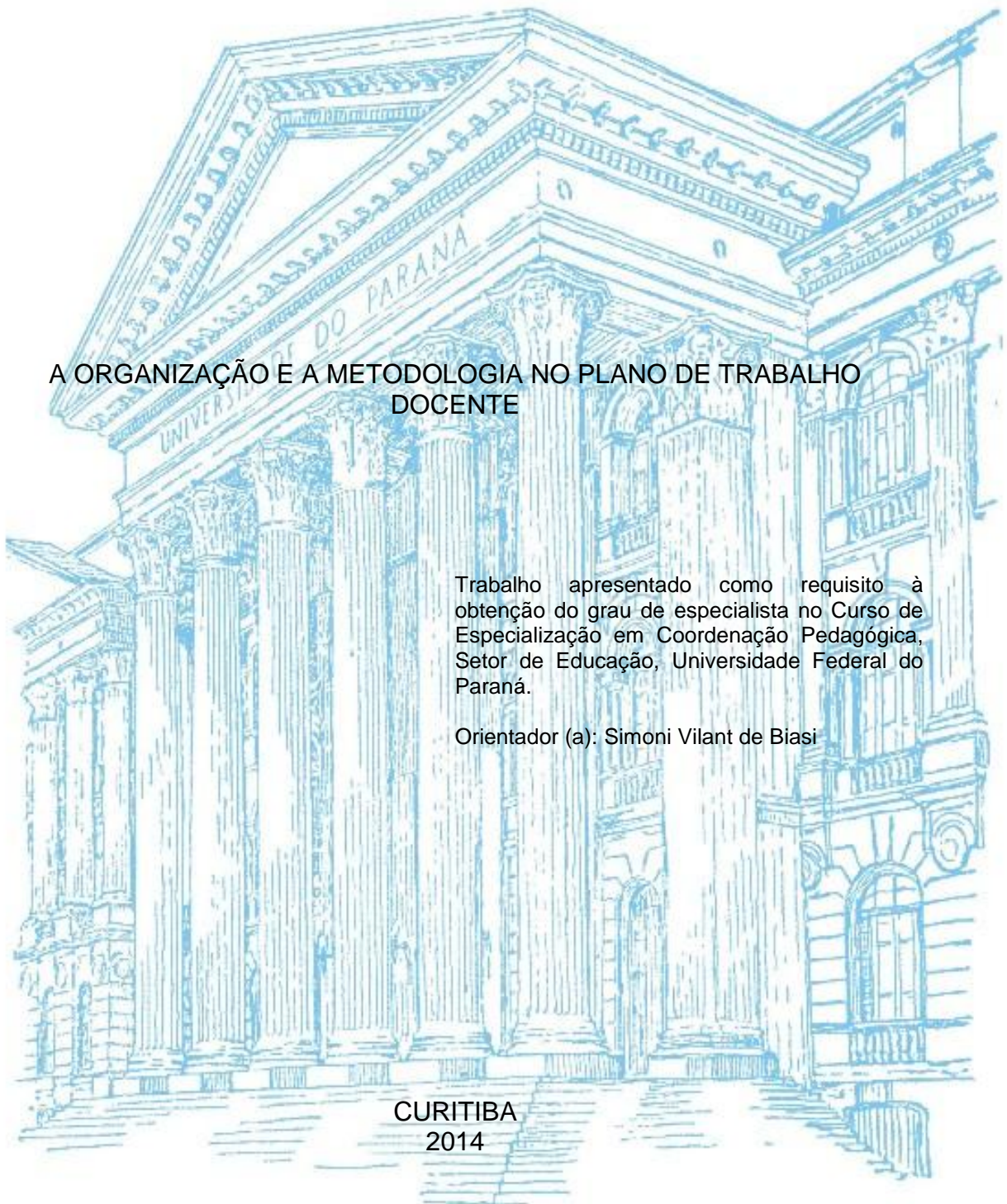
CRISLENE COSTA SANTOS RAZENTE

A ORGANIZAÇÃO E A METODOLOGIA NO PLANO DE TRABALHO
DOCENTE

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Simoni Vilant de Biasi

CURITIBA
2014



A ORGANIZAÇÃO E A METODOLOGIA NO PLANO DE TRABALHO DOCENTE

CRISLENE COSTA SANTOS
RAZENTE*

RESUMO

Esta pesquisa teve como temática o plano de trabalho docente, destacando a importância da metodologia para o processo de ensino e aprendizagem. Um dos objetivos principais da pesquisa foi verificar como alguns professores têm facilidade em transmitir o conteúdo e outros não, a que isso está relacionado. Também foi realizada uma observação das aulas de alguns professores para que servisse de parâmetro de comparação e investigação. Os alunos responderam a um questionário com algumas questões sobre a forma de ensinar dos professores.

Palavras-chave: Plano, docente, metodologia, ensino e aprendizagem

*Artigo produzido pela aluna Crislene Costa Santos Razente do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Simoni Vilant de Biasi E-mail: crisrazente@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma reflexão sobre a importância da metodologia de ensino no Plano de Trabalho Docente, levando em consideração como os professores estão relacionando os objetivos com a execução das atividades em sala de aula. Surgiu da necessidade de investigar o porquê de alguns professores da educação básica apresentarem dificuldades em construir um processo de ensino aprendizagem de qualidade e outros profissionais, no mesmo contexto, não apresentarem tais dificuldades. Após as observações das aulas e questionamentos com os alunos, constatou-se que isso está ligado à habilidade de elaboração e aplicação da metodologia de ensino no plano de trabalho docente

A relevância desse trabalho reside no reconhecimento da importância da metodologia no Plano de Trabalho Docente, visando sua aplicação para alcançar os objetivos, fazendo com que a metodologia não seja apenas descrita no papel, mas se efetive com flexibilidade de acordo com a necessidade do processo de ensino e aprendizagem, sem perder de vista o Projeto Político Pedagógico, a Proposta Curricular, as Diretrizes e o perfil dos alunos.

O trabalho está dividido em resumo, introdução, revisão de literatura, conceito de metodologia e sua importância para o plano de trabalho docente, com base em autores que discutem sobre o tema, análise das informações coletadas em questionário aplicado aos alunos e observação das aulas.

A Pesquisa bibliográfica contempla as diferentes formas de aplicar a metodologia em sala de aula.

A observação das aulas realizou-se com 2 professores em uma mesma escola com turmas diferentes, no município de Nova Esperança, e uma entrevista com a pedagoga para a análise dos dados.

Através das entrevistas com os alunos e profissionais, foi possível fazer uma análise da situação dos professores com relação à metodologia de ensino que aplicam, e sobre a aprendizagem dos alunos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

É essencial reconhecer a importância do plano de trabalho docente para a construção de um processo de ensino e aprendizagem de qualidade por parte do educador e equipe pedagógica e valorizar os documentos norteadores e o perfil do educando, ajuda e intensifica a construção do plano de trabalho aprimorando os conhecimentos e as metodologias de ensino que embasam e norteiam um melhor desempenho na transmissão e assimilação dos conteúdos.

Planejar permite ao docente prever e rever ações, em uma postura reflexiva, favorável à melhoria do ensino por consequência, da aprendizagem. É um processo mental, envolvendo análise, reflexão e previsão.

De acordo com a LDBEN, no seu art 13 inciso II (1996), o processo de ensino-aprendizagem precisa ser planejado com intencionalidade, base científica, conhecimento pedagógico, com referência no Projeto Político Pedagógico, perfil do educando, levando em consideração a função social da escola.

Esta função social, de acordo com as DCEs (2008), é formar o cidadão, isto é, construir conhecimentos, atitudes e valores que tornem o aluno solidário, crítico, ético e participativo. Portanto, é fundamental que no plano de trabalho docente, sejam valorizadas as bases científicas e pedagógicas referentes ao Projeto Político Pedagógico, Proposta Curricular e Diretrizes Curriculares Estaduais.

Segundo Libâneo (1991,p.222), “O planejamento é um processo de racionalização, organização e ordenação da ação docente, articulando atividade escolar e a problemática do contexto social.” Neste sentido o professor planeja para organizar ações pedagógicas, dar direcionamento ao seu trabalho e também para orientar a aprendizagem de seus educandos de acordo com as necessidades e o perfil das diferentes turmas e escolas. Durante esse processo, ele precisa ter conhecimento sobre a sociedade, sobre quem vive nesta sociedade, quem são os seus alunos. É um instante que passa da racionalidade de pensar com a razão ou conhecimento científico, para pensar como pessoa que interage e conhece seu aluno e o mundo em que este vive para que, assim, possa realmente exercer o seu papel de criador de sonhos e transformador de ideias em realidade.

O planejamento deve estar relacionado com o que se quer dos alunos enquanto cidadãos críticos, deve-se pensar em quem são os alunos e o que queremos deles, por isso planejar é uma ação de humanização para educandos e educadores, portanto, essencial ao processo educativo escolar.

Planejar é um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão. É uma atividade tipicamente humana e está presente na vida de todos os indivíduos, nos mais variados momentos. Quem não planeja, pode vitimizar os alunos e a si, em práticas repetitivas, degenerativas, desfavoráveis ao processo educativo, ocorrendo alienação de ambos.

Como o planejamento é uma atividade de previsão e antecipação dos resultados e está relacionado diretamente com os professores, podemos caracterizá-lo como peça importante para o processo de ensino aprendizagem.

As dificuldades para elaboração e execução no plano de trabalho docente podem ocorrer devido a confusões sobre os elementos que compõe o plano, destacando-se a metodologia de ensino utilizada pelo professor e a necessidade de conhecer a realidade social e cultural do aluno.

Todas as ações humanas são guiadas com intuito e objetivos claros e comuns. Com os processos de ensino e aprendizagem não seria diferente, as aulas devem ser guiadas com propósitos, objetivos e conteúdos. O professor deve ter conhecimento crítico do que se quer ensinar e a quem está ensinando.

A ênfase que se deve dar tem relação com a metodologia de ensino, por ser esta parte do planejamento que prioriza a maneira como se quer ensinar, levando em conta os conteúdos e os objetivos que se quer atingir com uma boa aula.

Segundo Libâneo (1991,p.149),

[...] os métodos são determinados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos.

A forma como o professor conduz sua aula deve estar relacionada com qual objetivo se quer atingir e a qual conteúdo deve estar relacionado. Uma aula que foge ao objetivo e ao conteúdo perde-se e faz com que o processo de

ensino e aprendizagem tenha falhas e não atinja seu objetivo que é o do aluno aprender os conteúdos historicamente construídos pela humanidade.

Para que o professor não se perca ou não atinja os objetivos é preciso que ele domine procedimentos e técnicas variadas para que assim possa fazer melhor aproveitamento de seu tempo e uso do espaço escolar.

O professor, ao conduzir os alunos deve levá-los ao pensamento crítico e reflexivo das ações escolares. Cada um possui uma maneira de organizar e sistematizar o pensamento-ação e é preciso utilizar estratégias para transmitir o conhecimento e para que este seja assimilado pelos alunos. O professor ainda precisa descobrir sua característica e qual caminho é o melhor para se seguir. O aluno por sua vez também articula estratégias e atitudes que o façam prender atenção e aprender.

Libâneo (1991,p.150.) explica que:

O professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos, a que chamamos de métodos. Por exemplo a atividade de explicar a matéria corresponde o método de exposição; a atividade de estabelecer uma conversação ou discussão com a classe corresponde o método de elaboração conjunta. Os alunos por sua vez, sujeitos da própria aprendizagem, utilizam-se de métodos de assimilação de conhecimentos. Por exemplo à atividade dos alunos resolver tarefas corresponde ao método de resolução de tarefas; à atividade que visa o domínio dos processos do conhecimento científico numa disciplina corresponde ao método investigativo; à atividade de observação corresponde o método de observação e assim por diante.

Por isso é importante ter o conhecimento dos métodos e dos alunos para os quais o professor leciona, pois não basta apenas ter senso crítico e domínio dos conteúdos, é necessário saber direcionar, ao quê e para quem está voltado o processo de ensino-aprendizagem.

Se o professor consegue atingir o aluno de acordo com suas necessidades e interesses individuais e em grupo, consegue fazer a relação de correspondência entre o que se quer ensinar com o que querem aprender, o processo de aprendizagem acontece e os objetivos são atingidos com êxito.

Para tanto, é necessário estar atento às aulas, cada conteúdo cada atividade a ser exposta exige um tipo de postura pelo professor com relação aos alunos. A contextualização do que se quer passar é mais importante do

que sua transmissão, é com ela que se instiga a curiosidade dos alunos e o potencial de aprendizagem que cada um possui.

Para Moura (2013, p.49)

O ato mais radical de todos na educação é melhorar a sala de aula. Essa tem que ser a nossa batalha: passar a memorização à resolução de problemas; passar da abstração pura e simples (demonstrar uma fórmula, deduzir um teorema) para a contextualização, mostrando a ideia vestida com as roupas do real; e passar da aula frontal para a aula que opere em múltiplos canais (ver+ ouvir+ ler+ escrever+ falar), porque operamos em múltiplos canais. Afinal, para aprender, precisamos ver, precisamos ouvir, precisamos falar, porque aprendemos simultaneamente em todos esses canais.

O modo como abstraímos e absorvemos o conhecimento está relacionado com o como fazemos essa atividade. Pensando no conteúdo e nos objetivos que pretendemos alcançar, devemos entender que a percepção de cada um precisa passar por todos os sentidos, daí a relação que se quer dar ao que aprendemos e como aprendemos.

Os alunos vivem na atualidade antenados e são estimulados constantemente, conseguem realizar várias tarefas ao mesmo tempo, ou pelo menos é o que se pensa sobre sua capacidade. Nesta perspectiva, pode-se dizer que é importante levar em consideração que o professor aprende ao lecionar e muitas vezes, consegue entender o conteúdo com a exposição da aula aos alunos.

Prossegue Moura, (2013, p.49)

Se o aluno não aplicar irá apenas decorar fórmulas... As pesquisas dizem que o aluno aprende mais quando o ensino é estruturado, quando o livro é passo a passo, quando o professor aprendeu a usar o livro e quando a aula foi bem preparada

Consideramos que isso é muito significativo e realmente acontece. Quando terminamos a aula, a damos como encerrada naquele momento e naquele espaço, não há aprendizagem significativa, visto que aprendemos para sobreviver e colocar as ações em prática. Essas ações dependem de como o ensino se processa no campo da aprendizagem. Ele deve ser organizado e estruturado pensando na ação e reflexão sobre os conteúdos para, assim, fluir com mais clareza e desenvoltura e ser conexo com a realidade. Para tanto, o

professor deve se preparar com as informações e dados que tem, pensando na maneira como o aluno vai receber a informação. A experiência e a prática do professor podem fazer a diferença na hora de apreender, transmitir e quando o aluno receber o conhecimento, assimilando-o com a realidade.

Perrenoud (2001,p.27), ao se referir ao ensino diz que

O que torna as tarefas, do ensino específicas é o fato de que estas cobrem dois campos de práticas diferentes, mas interdependentes: por um lado, o da gestão da informação, da estruturação do saber pelo professor e de sua apropriação pelo aluno, que é o domínio da didática; por outro lado, o campo do tratamento e da transformação da informação transmitida como saber para o aluno, através da prática relacional, e as ações do professor para colocar em funcionamento condições de aprendizagem adaptadas, que é o domínio da pedagogia.

Fazer a gestão do conteúdo e a previsão de reação dos alunos, apesar de ser difícil, facilita no ensino e na aprendizagem. Normalmente, ao programar as atividades, espera-se que estas transcorrerão com naturalidade, e com objetividade, mas nem sempre isso ocorre. Ao programar e submeter o aluno à aula, o professor poderá perceber o quanto estes estão ou não envolvidos, o próprio professor poderá mudar de estratégia, se assim tiver conhecimento e domínio da didática e do conteúdo.

Consideramos que o relacionamento com os alunos, o diálogo, a interação entre eles – (aluno x aluno - aluno x professor), ajuda na percepção de qual é o melhor caminho para seguir com o ensino e aprendizagem. Isso mobiliza conhecimentos e competências profissionais de diferentes tipos, práticas de diferentes áreas.

As adaptações e articulações funcionam em conjunto com o que se quer atingir com uma aula bem preparada. Uma boa aula se configura com a assimilação dos conteúdos, atingindo os objetivos propostos no plano de trabalho docente. Sabe-se que o professor que prepara aula e pensa no processo de ensino aprendizagem como um todo torna-se mais flexível e a modifica de acordo com as necessidades.

Segundo BORDENAVE (2007,p.121.)

O professor tradicional é um homem feliz: não tem o problema de escolher entre as várias atividades possíveis para ensinar um

assunto. A única atividade válida é da exposição oral. Para o professor moderno, entretanto, a escolha adequada das atividades de ensino é uma etapa importante de sua profissão. Sua escolha é manifestada de acordo com o que se quer atingir.

Assim, contrasta-se o perfil do professor mediador e crítico com o do tradicional. Ambos tem em comum o processo de ensino-aprendizagem, mas se diferem, pela forma como articulam o processo de ensino aprendizagem, e com os objetivos que querem atingir. O tradicional deixa claro que seu objetivo é repassar o conteúdo e utiliza quase sempre a exposição oral para atingir o objetivo.

As aulas apenas explicativas e expositivas de um conteúdo ou outro deixam de ser estimulantes para os alunos, apesar do professor demonstrar conhecimento, na prática não apresenta domínio de método e técnica, acredita que está ensinando e o aluno aprendendo.

O mesmo autor ressalta que o profissional moderno articula o objetivo com a aprendizagem do aluno, quer que este aprenda estudando e participando da sua aula. Isso faz com que o ato de ensinar se torne prazeroso e organizado para ambas as partes.

Quando a aula está vinculada com o interesse e a disposição do professor em pesquisar, demonstrando novos meios, formas de ensinar e aprender diversificadas, este não apenas ensina, mas aprende ao ensinar e passa-se de um processo de transmissão de conhecimento para assimilação e troca de saberes.

O alunado que se tem hoje não permite apenas exposição oral, mas sim uma diversidade de estímulos para que consiga prender sua atenção e atingir os objetivos.

É preciso levar em consideração alguns fatores que podem contribuir para o fracasso ou a falta de resultado com a aula, um deles é o tempo que o professor tem em sala de aula, outro é o próprio material didático, que muitas vezes, é extenso e necessita de ajustes. Também os instrumentos que se tem à disposição e a tecnologia são diversos, mas, por se tratar de algo novo, pode-se deixar de colocar em seu quadro de atividades ou prioridades.

Os professores que não tiveram uma formação diversificada e ampla, que ainda estão mergulhados em aulas técnicas de apenas transmissão de

conteúdos sofrem mais ao lecionar, e muitas vezes seus alunos são os que menos aprendem.

Compreendemos que desta maneira a metodologia e o planejamento configuram-se como instrumentos importantes para organizar o processo de ensino e aprendizagem. A flexibilidade em refazer o plano de trabalho docente, a fim de facilitar a transmissão do conhecimento, é importante e relaciona-se com a aprendizagem, a partir do momento em que o professor percebe que precisa organizar seus conteúdos, não apenas de maneira burocrática, cumprindo um papel ao entregá-lo à equipe pedagógica, ele pode ter êxito quanto ao ensino.

Se os conteúdos forem repassados, respeitando a quem se quer repassá-los, pensando em maneiras diversificadas de aplicar para, assim, atingir realmente os objetivos que são propostos no plano de trabalho docente, o professor estará desempenhando seu papel quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

O professor deve utilizar a metodologia explicitada no plano de trabalho docente como suporte para melhorar as suas aulas e a pesquisa pela melhor maneira ou estratégia para transmitir o conhecimento é importante para atingir os objetivos de uma boa aula. Pensar na metodologia de acordo com o aluno, o espaço físico e o conteúdo que se quer abordar faz parte de uma metodologia bem aplicada e de um plano de trabalho docente bem elaborado, que, por sua vez, atingirá os objetivos propostos.

3. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

Essa pesquisa foi realizada em uma escola de Nova Esperança, com um professor de Geografia e um professor de História, do Ensino Fundamental, anos finais, que lecionam no 7º ano A.

O professor de Geografia foi escolhido por ser elogiado constantemente pelos alunos e pais e por que na sua disciplina, os alunos apresentarem melhores resultados tanto na média quanto no comportamento em sala de aula, o que foi verificado pelos boletins. No caso do professor de História, a situação se configurou de forma diferente, em suas aulas, parte dos

alunos que responderam o questionário, reclamam que não entendem o suas explicações e por consequência tiram notas baixas.

A coleta de dados se deu por meio de investigação do plano de trabalho docente, observação das aulas dos professores e do comportamento dos alunos durante as aulas e de um questionário aplicado aos alunos da turma.

Após observação, foi feito um relatório com os resultados obtidos para que, assim, se pudesse delinear ou propor as estratégias de aplicação do ensino e aprendizagem para a equipe pedagógica e professores envolvidos.

Também foi realizado um estudo do planejamento que os professores tinham para o tipo de aluno e conteúdo, juntamente com a pedagoga verificando, assim, se este estava adequado, se a teoria condizia com a prática.

Para a pesquisa comparativa entre os professores, foi necessário elaborar um questionário de 10 questões para que os alunos respondessem sobre as aulas dos professores de Geografia e História, o questionário foi respondido por alunos do 7ºano.

Para melhor entendimento dos dados vamos identificar os professores como A de Geografia e B de História.

A primeira questão que se referia ao conteúdo das aulas e a resposta foi praticamente a mesma entre todos os entrevistados. Todos concordaram que a disciplina de História tem muito conteúdo e pouca prática, mesmo que o professor brinque ou estimule-os de maneira diversificada, o conteúdo é “puxado”, em Geografia também, mas com uma vantagem, por se tratar de uma disciplina que precisa de dados e situações atuais, “fica mais fácil entender”.

Uma curiosidade do professor A é que ele consegue reduzir a quantidade de conteúdos com pequenos resumos criados em sala com a participação dos alunos.

Já o professor B se atem mais à apostila e à exposição do conteúdo, isso faz com que os alunos participem menos e torna a aula maçante.

A segunda questão se referia aos recursos didáticos utilizados em sala de aula. Nesta houve convergência entre as aulas dos professores.

O primeiro ponto a se destacar é que o professor A não se prende apenas aos materiais disponibilizados pela escola que são: quadro, data show e livro didático, busca sair da sala, levar os alunos para o pátio ou para lugares próximos à escola, utiliza música para ajudar na transposição dos conteúdos.

Já o professor B faz o uso do material disponibilizado, mas com os mesmos textos ou vídeos disponibilizados aos alunos em seu material, ou seja sem nada a mais do que o previsto.

A escola tem poucos recursos didáticos e pedagógicos e o que se pode perceber na fala dos alunos é que o professor B pouco utiliza e, quando usa, os alunos não aproveitam, acostumaram as aulas expositivas. Os materiais didáticos não se adéquam às necessidades dos alunos.

A questão 3 estava relacionada a como o professor responde às dúvidas dos alunos. E, novamente, pode-se perceber a diferença na didática e metodologia dos professores A e B.

O professor A direciona o olhar para o aluno e responde de maneira tranquila, começa a fazer com que o próprio aluno pesquise utilizando o material, para ver se o que está perguntando, já foi respondido. Isso sem que o aluno perceba que ele mesmo está tendo autonomia para procurar as respostas. O fato de ele olhar e ouvir o aluno, o torna especial e atencioso.

Já o professor B também direciona o olhar, mas responde apenas o que o aluno quer saber, e ainda questiona dizendo que o que ele perguntou ele tinha acabado de responder. Essa postura de não direcionar autonomia e afetividade para com os alunos faz com que os educandos pouco participem das suas aulas.

A quarta questão é quanto à postura dos professores quando precisam chamar atenção do aluno que está conversando demais em sala de aula.

Novamente o professor A recebe elogios quanto a sua forma e postura, quando a turma começa a perder o controle na conversa ou nas atividades. Ele para a aula, tira o foco dos alunos do conteúdo ou atividade que esta realizando, sem dar sermão, ou falar por muito tempo. Novamente, direciona o olhar para os que estão se excedendo e para os que, mesmo assim não param, adverte e encaminha para a equipe pedagógica, não deixando que este aluno atrapalhe os interessados.

O professor B, na hora de chamar atenção, grita com os alunos, e passa quase o restante da aula focado na bronca, tenta resolver sozinho em sala e ainda não dá chance para o aluno se defender. Isso faz com que os alunos que estão focados e que querem estudar percam tempo e conteúdo também.

A quinta questão estava relacionada com a realização das atividades, tanto propostas nos materiais didáticos, quanto as elaboradas pelos professores.

O professor A, em um primeiro momento, explica o conteúdo, faz uma introdução, propõe debates e roda de conversas sobre o tema com os alunos as atividades propostas servem de fixação aos conteúdos. Ou seja, antes de começar a aula, da explanação dos conteúdos, o professor apresenta a proposta, os objetivos ao trabalhar aquele conteúdo aos alunos, valoriza o conhecimento que os alunos já têm, o que facilita a resolução dos exercícios.

O professor B, para facilitar na assimilação do conteúdo pelos alunos, antecipa as atividades do bimestre, pedindo para que os alunos respondam todos os exercícios do livro didático, ao invés de explicar antes as atividades propostas aula a aula, ou capítulo por capítulo durante as aulas.

Isso gera desconforto, sua intenção é fazer com que o aluno leia o conteúdo antes de começar a sua explicação, mas são muitas atividades normalmente, os alunos não dão conta de realizá-las e acabam copiando dos amigos.

Esse professor corrige cada atividade de acordo com suas aulas e o aluno tem a oportunidade de perguntar e esclarecer as dúvidas de acordo com as aulas e conteúdos expostos.

A sexta questão foi relacionada à maneira como o professor interage com os alunos.

O professor A tem contato direto com os alunos, busca ser parceiro e amigo, tem facilidade de se “antelar” nas questões dos jovens, conversa com os alunos em redes sociais, participa, na medida do possível, das festas ou eventos que os alunos promovem

O professor B também procura interagir com os alunos tem alguns em suas redes sociais, mas como em sala é sempre sério e tradicional, os alunos não conseguem diferenciar, o professor da sala e o de fora de sala de aula.

A sétima questão está relacionada com as avaliações dos alunos, todos os professores possuem um método tradicional na execução das provas, precisam seguir as orientações da equipe pedagógica e não possuem autonomia para modificar a metodologia de aplicação.

A oitava questão é relacionada com a organização dos materiais em sala do professor.

O professor A não se organiza muito bem, sua mesa é cheia de cadernos, atividades e tarefas, já o professor B é extremamente organizado, corrige os cadernos com o acompanhamento do aluno, ou seja se este estiver do seu lado. Sua mesa só tem o livro de chamada, estojo e livro didático.

A nona questão era simples: como você vê o professor na hora da aplicação da aula.

As respostas destas questões foram as que geraram mais contradições. Uma minoria disse que, apesar do professor A ser legal, parceiro e amigo, é com o professor B que eles aprendem mais, ele é organizado e sistemático com as atividades, mas precisa melhorar mais com relação aos exercícios propostos.

Porém o professor A possui carisma e dá atenção aos alunos, isso faz com que aprendam com mais facilidade e o professor consiga dominar melhor seus alunos. Ele é meio “maluquinho” como citou um aluno, mas aprendem com ele.

A décima questão também foi simples: como você daria aula no lugar do professor, que materiais utilizariam, que fontes?

Essa resposta foi intrigante, pois trata de como o aluno gostaria que fosse a exposição do conteúdo. O que nos chamou a atenção foi o fato de que eles não souberam responder de maneira clara, pontuaram as mesmas coisas que os professores faziam, ou seja, como já se adaptaram e se acostumaram com as aulas que lhes eram dadas, não sabiam nem articular que método seria interessante.

Ao analisar o plano de trabalho docente, verificou-se que o plano de trabalho do professor A é simples e sem grandes referências, trata-se de um professor que usa poucos materiais didáticos, mas que diversifica as aulas de acordo com a necessidade dos alunos. Também foi possível verificar que os seus planejamentos são flexíveis e mudam durante o bimestre.

Já o plano de trabalho B não coloca esta possibilidade, seu planejamento não possui alterações, o que não o torna flexível ou compatível com o perfil das turmas, isso dificulta na abordagem ou mudança de estratégias. Ao contrário do professor A, que utiliza vários recursos didáticos, mas, de acordo com o material, ou seja, aproveita as sugestões encontradas no material didático.

Os dois professores têm o acompanhamento da pedagoga. Ela disse, na entrevista, que tem dificuldade com o professor A, que entrega suas atividades e planejamento com atrasos, muitas vezes, improvisa nas aulas e algumas atividades não repassa para que ela dê uma olhada. Procura acompanhar os alunos para ver o progresso de cada um e, apesar disso, consegue perceber que aprendem com as aulas dele. Percebe também que o relacionamento dele com os alunos é de respeito mútuo, por isso, ele consegue prender a atenção dos alunos ao dar as suas aulas.

O professor B segundo a pedagoga já não dá trabalho quanto à organização didática, entrega as atividades em dia, planeja com antecedência, não improvisa as aulas, pelo contrário, suas aulas são previsíveis e dentro da perspectiva, todos os materiais exigidos são colocados no planejamento. Mas recebe reclamações quanto ao modo como passa o conteúdo, como trata os alunos, pois é rígido e imparcial, evita dar ouvidos aos alunos. O conteúdo é repassado, mas perde muito tempo parando as aulas para chamar atenção dos alunos.

Tanto o professor A quanto o professor B conseguem repassar os conteúdos, cada um a sua maneira, a metodologia utilizada pelo professor A contempla mais o conteúdo por estar mais próxima da realidade dos alunos, seu planejamento é mais flexível, isso facilita na hora da aula. Mas, o que o diferencia do professor B é a maneira como interage com os alunos, o carinho e o respeito com eles na hora das discussões, os resumos que passa ao anteceder as avaliações. Seu plano de trabalho está mais próximo do Projeto Político Pedagógico da Escola, mas precisa melhorar quanto à entrega do plano de trabalho docente e das atividades de aplicação dos conteúdos.

O professor B é, por muitas vezes, rígido demais, responde sempre alterando o tom com os alunos, mas suas atividades são impecáveis. O que dificulta a aprendizagem dos alunos são as atividades e os exercícios do

material didático, ele se prende muito a isso, ou seja, pedir para os alunos responderem todas as questões do capítulo antes da explicação passa uma impressão de que os alunos devem estudar sozinhos, e esse não é o objetivo do processo de ensino aprendizagem, proposto no Projeto Político Pedagógico.

Com relação ao perfil dos alunos, têm alunos que estão interessados nas aulas, alunos indisciplinados, desorganizados e que esquecem o material, não fazem as tarefas diárias. O que fica claro é que mesmo o aluno indisciplinado e desorganizado, nas aulas do professor A demonstra vontade e interesse no que o professor está falando, o professor o olha como os outros e não com um estigma de indisciplinado. Já nas aulas do professor B, estes mesmos alunos o testam o tempo todo, pelo fato do professor não ouvir mais o que eles têm a dizer. Ou seja, o professor apenas cobra e não ouve mais estes alunos, quando fazem algo fora do comum na sala o professor para a aula e generaliza a bronca para toda a turma.

A avaliação esteve presente o tempo todo com o professor A, ele conseguia, no decorrer das maioria das aulas, perceber o que tinha que mudar para a melhor assimilação do conteúdo, assim, mudando de estratégia. Ele avaliava o aluno no processo todo, na participação dos alunos com questionamentos, trabalhos em grupo, e aplicava avaliações no final do bimestre, não como único instrumento de avaliação, mas como sendo um deles.

O professor B estava preso a uma ideia única de aula e seu planejamento não era flexível, avaliava os alunos somente com as provas e um trabalho, no final do bimestre. Isso fazia com que os alunos estudassem e prestassem atenção em suas aulas apenas nas revisões de prova. O modelo de trabalho em pesquisa proporcionava para uma minoria a real essência do que é pesquisar, que é fazer uma análise e discussão sobre o tema proposto e sistematizar em forma de texto, a maioria fazia cópias da internet.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O essencial é saber que nem sempre o professor é o único dono do saber e da verdade, os alunos são sujeitos críticos e capazes de ajustar e modificar a sociedade através do conhecimento. O papel do professor é estar

junto com o aluno participando deste processo, transmitindo seu conhecimento e aprendendo com eles, não apenas repassando e avaliando no final do processo.

Foi observado que o relacionamento entre professor e aluno nas aulas é importante quando o professor olha para os alunos, respeita sua opinião, consegue com facilidade repassar os conteúdos e conquista-os.

Quando a metodologia é diversificada e flexível, as aulas acontecem de maneira natural, porém o professor que não muda, que utiliza dos mesmos métodos de ensino sem considerar o perfil da turma, pode se prejudicar.

O que fica evidente entre o professor A e B é o fato de que o professor A respeita a individualidade, o conhecimento prévio do aluno, suas atitudes quanto às colocações e observações feitas durante as aulas. Esse profissional demonstrou estar preparado para atender todos os alunos. Já professor B, apesar de ter mais experiência, perdeu a “magia” de dar aula, passa a impressão de que se basta e de que sua maneira de sistematizar e organizar os conteúdos é suficiente.

O professor A precisa se organizar melhor quanto a entrega dos plano de trabalho docente. Porém isso não interfere na aprendizagem dos alunos, afinal eles apresentam melhores notas do que os do professor B. O professor B precisa aprender a ouvir tanto os alunos, quanto sua própria experiência profissional.

A pedagoga também acompanhou os resultados desta pesquisa e observação das aulas, para que, assim, pudesse entender qual é o seu papel como mediadora entre o plano de trabalho e a aplicação das aulas.

Enfim, consideramos, após as observações e o questionário aplicado, que para o professor não basta apenas ter conhecimento, ser organizado e experiente, pois a aula flui melhor quando este conhece os alunos, pesquisa métodos diversificados, não se prendendo apenas aos do material didático, respeita as individualidades e, acima de tudo, escuta e aprende também.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDENAVE, D. J. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 28^a.ed. Petrópolis. RJ: Vozes. 2007.

BRASIL.SEED. **LDBEN: nº 9394/96**. Brasil, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Ed.Cortez.1991.

MOURA,C.C. **Caminhos para a educação**: reflexões e debates do maior encontro internacional de educação realizado no Brasil em 2011. Curitiba: Ed. positivo.. 2013.

PARANÁ,S. **Projeto Político Pedagógico e PPC**. Colégio Estadual São Vicente 2012.

PARANÁ.SEED. **Diretrizes Curriculares Estaduais**.2008.

PERRENOUD,F. **Formando professores profissionais**. Quais estratégias? Quais competências?.2ª.e.d.São Paulo.ed.artmed,2001.